



Constantino, Clóvis e o Cristianismo

**Trabalho da disciplina de História Medieval – Política e Cultura,
regida pela Prof.^a Dr.^a Margarida Garcez Ventura**

Filipe Paiva Cardoso

Nº 48782

Trabalhador-Estudante

Lisboa, Dezembro de 2013

O cristianismo conquistou de forma súbita um lugar de destaque na cabeça do Império, conseguindo em pouco menos de 80 anos passar de “presa” a “predador”, tempo que decorreu entre a Grande Perseguição de Diocleciano (303 d. C.) e as perseguições de Teodósio a pagãos e judeus, caminho que também Graciano optou por seguir. “Toda a Igreja é por natureza conquistadora, porque crê estar na posse do absoluto. A Igreja cristã não podia ‘deixar que a verdade permanecesse na sombra’. A propaganda é uma necessidade vital. A propaganda pela força representa um perigoso escolho, mas é absolutamente fatal. Nenhuma doutrina consegue escapar a esta fascinação¹.”

O grande trampolim do cristianismo no seio do Império foi sem dúvida Constantino, pelo que importa revisitar brevemente a sua chegada ao lugar mais desejado de Roma. Em 305 d. C., Maximiano e Diocleciano abdicaram do cargo de Augustos, abrindo a porta para a subida dos seus Césares, Constâncio e Galério. Estes, nomeiam Severo e Maximiano Daia como sucessores. Contudo, esta segunda Tetrarquia mal chega a entrar em funções: Em 306, Constâncio morre e devia suceder-lhe Severo mas Constantino, filho de Constâncio, revolta-se alegando que o pai lhe disse que seria ele o sucessor. Com ele tem as suas tropas, que o nomeiam Augusto. A decisão de Constantino lança o caos no Império, que se prolongaria entre 306 e 312, período a que regressaremos adiante.

Repúdio dos deuses de sempre.

A coincidência da ascensão do cristianismo e do repúdio das divindades romanas com a hecatombe que pouco depois se abateu sobre o Império, foi visto na altura como uma das razões para o declínio de Roma. “Agora os pagãos, e não de forma pouco razoável, atribuíam o colapso de Roma ao abandono pelo Estado dos deuses tradicionais, que durante séculos tinham providenciado tanta segurança e sucesso².” Os cultos pagãos foram suprimidos em 391 e Roma foi saqueada em 410.

A reacção contra aqueles que culpavam o esquecimento dos deuses pagãos pelo saque veio não só de Santo Agostinho mas também de Orósio, que na sua *História contra os Pagãos* afirmou “que os acontecimentos de 410 [saque de Roma] não eram tão maus quanto dois desastres que tinham ocorrido durante a época pagã – o saque de Roma pelos gauleses em 390 a. C. e espoliar da cidade sob Nero³”. Já de Santo Agostinho e da *Cidade de Deus* veio a reacção mais esóterica: na perspectiva da Eternidade, o saque de Roma é insignificante e um cristão é cidadão do Céu e não de Roma.

O declínio do Império Romano do Ocidente deixou a religião cristã bastante debilitada na região mas, se foram necessárias oito décadas para que o cristianismo passasse de perseguido a perseguidor, depois do ataque a Roma a cronologia quase se repetiu: pouco mais de oito décadas após o saque, a Igreja descobriu um substituto que a iria ajudar a recuperar o Ocidente. “Nunca será demais realçar o significado deste acontecimento. Trata-se da grande viragem, da viragem decisiva da história do reino e até da hegemonia franca. Clóvis tornou-se, assim, em fins do século V, no único chefe de Estado católico em todo o Ocidente. O clero ‘romano’ compreendeu de imediato toda a importância do acontecimento, por si tão cuidadosamente preparado e despoletado, e viu no pagão de ontem um novo Constantino⁴.”

¹ LOT, FERDINAND, *O Fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média*, Lisboa, Edições 70, p. 61

² WARD-PERKINS, BRYAN, *A Queda de Roma e o Fim da Civilização*, Lisboa. Aletheia, p. 45

³ *Idem, ibidem*, p. 36

⁴ LOT, Ferdinand, *op. cit.*, p. 323

Este “novo Constantino” nasce cerca de 160 anos depois da morte do Imperador romano e chegou a líder dos francos em 481. “A ambição do pequeno rei de Tournai não tinha limites e era servida por uma audácia e uma habilidade perfeitamente excepcionais. O sucesso não tardou a surgir⁵.” A sua primeira vítima foi Syagrius, que se dizia o último reduto de autoridade do Império da região, tendo de seguida submetido os reinos francos autónomos e os alamanos. Mas para derrotar estes últimos, o “novo Constantino” precisou de ajuda divina, tal como o “velho” Constantino.

Apelos divinos.

“Qual novo Constantino.” Esta é uma das comparações a que Gregório de Tours⁶ recorre no relato que faz da conversão e baptismo do Rei dos francos presente na *Historia Francorum*. Cruzando este relato com aquele que nos deixou Eusébio de Cesareia sobre a conversão de Constantino, são notórias as coincidências que vale a pena analisar. A começar pelas condições e efeitos de ambos os chamamentos: realizados à última hora, em batalhas decisivas e com um efeito devastador nas hostes adversárias, segundo Gregório de Tours e Eusébio de Cesareia. Hora de voltar ao início do séc. IV.

Depois de Constantino reclamar o título de Augusto, Galério, Imperador do Oriente, intervém na contenda a Ocidente e nomeia um novo Augusto para a região, Licínio. Todavia, com a morte de Galério por doença, Licínio acaba por ficar a Oriente. Decide então aliar-se a Constantino para juntos enfrentarem os dois rivais pelos dois lados do império: Maxêncio no Ocidente e Daia a Oriente. Nesta altura já Maxêncio, filho de Maximino, se tinha estabelecido em Roma para melhor afirmar-se como Augusto do Ocidente, o que obrigou Constantino a invadir a Itália em 312. A 28 de Outubro desse ano, os exércitos de ambos encontram-se na ponte Múlvia, perto de Roma. O Império ia mudar radicalmente neste dia, não só pelo desfecho da batalha mas sobretudo pela epifania de Constantino:

“Nas horas meridianas do Sol, quando já o dia começava a declinar, [Constantino] disse que viu com os próprios olhos, em pleno céu, sobreposto ao Sol, um trofeu em forma de cruz, construído à base da luz e junto ao qual estava uma inscrição que rezava: ‘Com este vence.’ O pasmo com a visão deixou-o assoberbado e ao exército que o acompanhava na marcha e que assistiu à maravilha. E perguntava a si mesmo o que poderia ser aquela aparição. Estava nestas reflexões quando foi surpreendido pela chegada da noite. Em sonhos viu Cristo, filho de Deus, com o símbolo que tinha visto no céu e que lhe ordenou que, assim que replicasse o símbolo, se servisse de ele como um escudo nas batalhas contra os inimigos⁷.”

Constantino foi assim aconselhado por Deus a gravar nos escudos do seu exército o sinal celeste: as iniciais em grego do nome de Cristo, *Chi* e *Rho*. Segundo Eusébio, seu panegirista, foi graças a esta ajuda divina que Maxêncio acabou derrotado apesar da maior dimensão do seu exército. Mais do que isso, Eusébio diz que foi com a ajuda de Deus que Constantino viu abrirem-se-lhe as portas para o domínio de todo o Império nos anos seguintes, quando enfrentou Licínio. Tal como acontecerá com Clóvis décadas mais tarde contra os alamanos, Constantino foi vencendo graças ao medo que o simbolismo cristão impunha aos adversários, mas também pelo efeito positivo que todo aquele aparato, conjugado com a vitória da ponte Múlvia, acabou por ter nos seus soldados.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 322

⁶ TOURS, GREGÓRIO DE, *Conversão e Batismo de Clóvis*, in *Textos da cadeira História Medieval – Política e Cultura*, p. 14/15

⁷ EUSÉBIO DE CESAREIA, *Vida de Constantino*, Introducción, traducción y notas de Martín Gurruchaga, Madrid, Gredos, 1994, Livro I, 28.2-29, tradução própria

“Uma vez que as hostes iam entrar em batalha, o primeiro que começou a guerra foi o que rasgou os tratados de amizade [Licínio]. Não tardou Constantino em invocar o Deus salvador universal, e dando aos soldados que o rodeavam esse sinal, venceu o primeiro confronto [Adrianópolis], e a seguir, não muito depois, saiu triunfante de um segundo recontro [Galipólis], e obteve vitórias vantajosas, tendo sempre a sua legião pessoal ostentado o símbolo salvador. Pois onde este marcava presença, produzia-se a fuga dos inimigos. Não escapou o efeito à vista do Imperador que, se via alguma das suas unidades a fraquejar, logo ordenava que para lá se deslocasse o símbolo da salvação, qual talismã do triunfo, com o qual instantaneamente garantia a vitória; porque um vigor e uma energia, por algum desígnio divino, fortalecia os combatentes⁸”.

A batalha na ponte Mílvia ficou como a data da conversão de Constantino, algo especialmente relevante dada a inexistência de vantagens políticas a retirar da conversão na época. “Aliar-se ao cristianismo representava um perfeito absurdo político. Mais, era mesmo perigoso, já que o exército, a única força real do Estado, era todo ele pagão (...). Visto termos constatado que Constantino tinha tudo a perder e, aparentemente, nada a ganhar em abraçar o cristianismo, só nos resta uma conclusão, a de que cedeu a um impulso de ordem patológica ou divina, à escolha. Jogou a sua sorte ao apostar no Deus dos cristãos⁹.” Já com Clóvis a situação foi oposta: havia muito a ganhar com a conversão.

A entrega de Constantino à religião monoteísta seria nos anos seguintes consolidada, primeiro ao impor a tolerância através do Édito de Milão (313), e depois ao nunca deixar de favorecer os cristãos, ajudando a potenciar as conversões. Assim que derrotou Licínio, em 324, Constantino avançou sem medo com a cristianização do Império. No ano seguinte, presidiu ao Concílio de Niceia, tornando-se na cara desta religião, e decidiu deslocar a capital para Bizâncio: “Constantino devia ao Deus das vitórias uma prova inequívoca do seu reconhecimento. E deu-a, ao deslocar a sua capital para fora dessa Roma empestada de um incurável paganismo, para uma nova cidade totalmente cristã. (...) Os templos pagãos, audaciosamente pilhados (deles foram retiradas as portas de bronze, os tectos dourados, as estátuas), serviram para ornamentar a nova Roma¹⁰ [Constantinopla].”

Apesar de várias medidas a favorecer o cristianismo, Constantino só foi baptizado no leito de morte, a 22 de Maio de 337. Mas deixar o baptismo para a última hora foi no fundo uma *Real Politik* aplicada à religião: se este acto nos limpa de todos os pecados, porque não esperar pela hora da morte? Vem de um historiador do século XVIII, Edward Gibbon, a mais sincera reflexão sobre a opção de Constantino: “Era suposto que o sacramento do baptismo contivesse em si uma completa e total expiação dos pecados; a alma era instantaneamente restaurada da pureza inicial, abrindo caminho para a salvação. Entre os prosélitos do cristianismo, havia muitos que julgavam imprudente precipitar este ritual, que não podia ser repetido (...). Ao adiarem o baptismo, podiam entregar-se em pleno às suas paixões no desfrutar deste mundo, enquanto guardavam nas próprias mãos os meios para conseguir uma fácil e certa absolvição¹¹.” De salientar que mesmo depois de se entregar ao cristianismo, a vida de Constantino continuou marcada por abusos, incluindo a execução do filho e

⁸ *Idem, ibidem*, Livro II, 6.2-7

⁹ LOT, FERDINAND, *op. cit.*, p. 43

¹⁰ LOT, FERDINAND, *op. cit.*, p. 47 e 48

¹¹ GIBBON, EDWARD, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, edited and annotated, with an introduction by Antony Lentin and Brian Norman, Wordsworth Editions, Londres, 1998, p. 381

da primeira mulher, pelo que ter um trunfo de absolvição para usar antes da morte era inestimável. Para Gibbon, aliás, foi depois de matar o filho que Constantino não mais duvidou do cristianismo¹².

Mais que crenças, interessam impactos.

Se Constantino não tinha benefícios em associar-se ao cristianismo, o caso muda quando olhamos para a decisão de Clóvis no final do séc. V. “O baptismo católico valeu ao cruel e astuto bárbaro a simpatia, a adoração do episcopado, não só no seu próprio reino, como também nas outras regiões da Gália (...). Por intermédio dos bispos, o rei dos francos assegurava, assim, a submissão das populações galo-romanas¹³.” Tal como Constantino, foi em batalha que a epifania de Clóvis ocorreu:

“‘Se me deres a vitória sobre estes inimigos e se eu experimentar a força miraculosa que o povo fiel ao teu nome declara poder assegurar que emana de ti, acreditarei em ti e baptizar-me-ei em teu nome (...).’ Assim que ele pronunciou estas palavras, os alamanos viraram costas e retiraram (...). E ele [Clóvis] suspendeu a guerra e arengou ao seu povo e, feita a paz, voltou a casa e contou à rainha como, ao invocar Cristo, tinha merecido a vitória¹⁴.’”

A conversão de Clóvis surge-nos assim numa lógica diferente da de Constantino. Ao contrário do Imperador, o rei dos francos apelou a Deus e não foi este que o procurou, e tal só aconteceu depois de perceber que estava a ser massacrado. Aqui já encontramos alguma coincidência com o relato sobre o confronto de Maxêncio e Constantino, com o primeiro a perder mesmo tendo mais tropas.

Apesar das dúvidas lançadas por alguns autores sobre a conversão de Constantino, é na de Clóvis que encontramos mais pontos que podem suscitar questões sobre a veracidade da opção. Já vimos que no caso do Imperador os dividendos de tal decisão eram poucos, precisamente o oposto do que vemos com Clóvis: tinha tudo a ganhar com a conversão, que levou à criação de elos comuns com os romanos levando à criação dos galo-romanos. Os francos tiveram ainda acesso a toda a cultura e infra-estruturas romanas, servindo-se de tudo isto para criar o reino Merovíngio, no Séc. VI.

A importância das conversões, contudo, está longe de depender da honestidade das mesmas. “Será que Clóvis apreendeu plenamente todo o alcance do seu gesto quando curvou a cabeça diante de S. Remy? Ao fim e ao cabo, pouco importa: basta que as consequências de tal gesto tenham sido incalculáveis¹⁵.” O mesmo se pode dizer de Constantino. É que independentemente das intenções de Constantino e Clóvis, ambas as conversões determinaram o domínio do cristianismo, primeiro ao afirmá-lo como religião do Império e depois a reimpô-lo entre os bárbaros. De ambos os episódios, é o de Constantino que tem o maior relevo, pois foi este que determinou quem seríamos dali em diante: “A conversão de Constantino é o facto mais importante da história do mundo mediterrânico desde o estabelecimento da hegemonia romana até ao domínio do Islão. É a ele que ficou a dever-se o triunfo do cristianismo, o qual, ao alterar profundamente a psicologia dos homens, veio a cavar um abismo entre nós e a Antiguidade. Desde a adopção do cristianismo que vivemos num outro plano¹⁶.”

¹² “Na altura da morte de Crispus, o Imperador não podia mais hesitar na escolha de uma religião; não podia mais ignorar que a igreja detinha um remédio infalível, ainda que tenha optado por adiar a sua aplicação até que a hora da”, Gibbon, *op. cit.*, p. 382

¹³ LOT, FERDINAND, *op. cit.*, p. 323-324

¹⁴ TOURS, GREGORIO DE, *op. cit.*, p. 14

¹⁵ LOT, FERDINAND, *op. cit.*, p. 324

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 49

Bibliografia

EUSÉBIO DE CESAREIA, *Vida de Constantino*, introducción, traducción y notas de Martin Gurruchaga, Biblioteca Clásica Gredos, Madrid, 1994

GREGÓRIO DE TOURS, *Conversão e Baptismo de Clóvis*, in *Textos de apoio à cadeira de História Medieval – Política e Cultura*, org. Prof.^a Margarida Garcez Ventura

GIBBON, EDWARD, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, edited and annotated, with an introduction by Antony Lentin and Brian Norman, Londres, Wordsworth Classics of World Literature, 1998

LOT, FERDINAND, *O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média*, 1^a Edição, Lisboa, Edições 70, Outubro de 2008

WARD-PERKINS, BRYAN, *A Queda de Roma e o Fim da Civilização*, 3^a Edição, Lisboa, Alêtheia Editores, Lisboa, Dezembro de 2006